

## Famílias em exílio: omissões e perdas

Thiago ANTUNES<sup>1</sup>



Em certo momento de *O ano em que meus pais saíram de férias* (Br. 2006) Mauro, o protagonista do filme de Cao Hamburger, pensa que ainda terá de agüentar o café da manhã e o jantar na casa de Schlomo. Contudo, o almoço seria em uma casa diferente a cada dia, o que traria alguma possibilidade de alívio para os aborrecimentos que o garoto tinha com o senhor que o hospedou. Por alguns instantes somos levados pelo narrador à intimidade de várias casas de moradores no bairro do Bom Retiro. Há, nestas casas uma similaridade que nos chama a atenção: apenas uma<sup>2</sup> delas se parece com a família burguesa mononuclear perfeitamente estruturada como estava em voga nos discursos moralizantes dos defensores da ditadura. Tampouco, esta intimidade familiar se parece com o ideal dos jovens daquela época que intentavam “revolucionar os costumes” e,



---

<sup>1</sup> Pós-graduando em Ciências Sociais pela FFC/CM, onde participa do grupo de Pesquisa em Cinema e Literatura. Pesquisa elementos de tradição e modernidade na obra “O Senhor dos Anéis” com financiamento da Fapesp.

<sup>2</sup> Na verdade é única vez que estas personagens aparecem no filme. Nem sequer chegamos a conhecer os membros desta família, apenas os vemos de relance nesta passagem.

por conseguinte, a “família”.

Esta similaridade não ocorre apenas nas famílias em que visitamos rapidamente neste momento do filme. Se observarmos as famílias de três das personagens – Schlomo, Irene e Hannah – que mais interagem com Mauro no Bom Retiro, veremos também que são representadas de maneira contrária ao discurso da ditadura.

Nas famílias das duas últimas, pelo menos, um dos membros não aparece na narrativa: o pai de Hannah e a mãe de Irene. Atentemos que quanto à família de Irene isto é (pelo menos num primeiro momento) mais justificável, visto que ela possui ascendência grega ortodoxa. Por isso, o contato de Mauro com ela se dá na lanchonete de seu pai, onde trabalha. Como Irene não faz parte da comunidade judaica do Bom Retiro – onde se passa a maior parte do filme – não conhecemos muito mais sobre as pessoas que a cercam, exceto por seu namorado.

No que se refere à família de Hannah a “falta” de um dos membros é mais pungente. Eles pertencem à comunidade judaica, ainda assim, apenas a mãe dela aparece no decorrer da narrativa. A mãe de Hannah é dona de uma das lojas no Bom Retiro, na qual Mauro e alguns dos outros meninos judeus do bairro espionam as mulheres experimentando roupas. Mauro também almoça na casa da família. Em outras palavras o contato com esta família é muito maior do que com a de Irene, por exemplo. Mas o pai de Hannah, não é lembrado em nenhum momento do filme. Além de ele não aparecer, não há nenhuma referência que nos diga quem ele é, ou mesmo que nos diga se mora com Hannah, é vivo, divorciou-se, desquitou-se, ou mesmo, se sequer chegou a casar-se com a mãe de Hannah. Nada! Nenhuma referência.

O caso de Schlomo reforça ainda mais esta característica da narrativa. Ele vive sozinho, e não temos qualquer outra informação sobre sua família exceto que são judeus poloneses. Não sabemos se tem filhos, ou mesmo se um dia fora casado, e agora é viúvo, desquitado ou divorciado. É interessante notar inclusive a ausência de fotos na casa de Schlomo em oposição à abundância de retratos na casa do avô de Mauro. O que nos leva a crer que se um dia ele teve uma família, esta não existe mais ou foram abruptamente separados e não há qualquer contato.

Fizemos até aqui algumas digressões sobre alguns dos possíveis motivos de não haver referência às pessoas ausentes destas famílias. Poderíamos aumentar a lista de motivos dizendo que eles poderiam estar viajando, trabalhando, etc. Contudo, estas

especulações nos foram úteis apenas para constatar que não há explicações explícitas para estas ausências no filme.

Então, qual o significado destas omissões na narrativa? Não podemos esquecer que a história é contada da perspectiva de Mauro, ou seja, todos os elementos que constituem a narrativa são representações de seu ponto de vista. Devemos, portanto,



tentar elucidar este aspecto do filme com isto em mente.

Para alcançar nosso intento partiremos da representação da família do próprio Mauro. Ele é filho único, fruto do casamento de um judeu e uma cristã. Seus pais são militantes de esquerda, e a narrativa se

passa na época do recrudescimento do governo militar. Portanto, em função de suas convicções políticas, são forçados a tirar “férias” para escapar dos aparelhos repressivos do Estado.

Podemos dizer que esta família segue o modelo burguês mononuclear, contudo, desde o início da narrativa ela passa por um processo de desestruturação, em certo sentido, a história do filme culmina no seu irreversível dismantelamento. O pai não retorna de suas “férias”, e Mauro acompanhado de sua Mãe parte para o exílio. Ironicamente o aparelho repressor do Estado acaba com uma família, uma das instituições que a ditadura se proclamava defensora.

Apesar de irônico, este tipo de caso encontra sustentação em algumas das discussões de teoria política contemporâneas. Hannah Arendt (2005) discute longamente em sua obra os danos causados aos Homens quando não possuem igualdade jurídica, pluralidade e/ou liberdade, ou seja, condições para a “ação”. Neste caso, para a autora, vivemos em “tempos sombrios”. O período que se passa a narrativa de “O ano em que meus pais saíram de férias”, certamente é um exemplo disto. Na perspectiva de Hannah Arendt, os pais de Mauro tentavam “agir”, contudo, não havia um “mundo público”, não havia nenhum local em que pudessem fazê-lo. A perseguição que sofrem

e suas conseqüentes “férias”, é fruto da tentativa – por parte do governo – de destruir os resquícios deste “mundo público”.

Mas qual a relação da inexistência do “mundo público” com a representação da família no filme? Sabemos que a instituição família pertence à esfera privada da vida. Mas, para a autora, em locais em que não há “mundo público” as resoluções de disputa deste mundo são levadas à esfera privada. As pessoas que tentam “agir”, ou seja, interferir no “mundo público” durante os “tempos sombrios” têm sérias conseqüências na sua vida privada: elas são forçadas – entre outras coisas – a abandonar seus empregos, esconder-se da polícia, são exilados e/ou mortos.

A “intromissão” da política no mundo privado torna-se mais clara e é reforçada pelas sensações de angústia e impotência que perpassam a narrativa. Se pudermos resumir esta relação – na história contada no filme – em uma palavra, esta palavra seria “perda”. Desde o início da narrativa Mauro sempre “perde” algo. Seus amigos, seus colegas, seus conhecidos ficaram em Belo Horizonte enquanto ele foi arrastado para São Paulo. Lá chegando, faz novos amigos que também serão “perdidos” no fim da narrativa.

Há um caso exemplar de perda ocasionada pela ausência do “mundo público” durante a narrativa. Quando Schlomo percebe que os pais de Mauro não conseguiram retornar no período previsto, ele parte em busca dos pais do garoto. Durante este processo é levado para o limiar do que deveria ser o “mundo público”. Mesmo se mantendo nesta divisa Schlomo é preso e Mauro sofre outra de suas perdas.

Após algum tempo, Schlomo é libertado e em seu retorno é acompanhado da mãe de Mauro, mas a ditadura causara outra perda ao menino. Esta definitiva: o pai não retorna. Supõe-se que está morto. E a última das perdas que conta a narrativa é a separação das pessoas que o acolheram durante as “férias” de seus pais (Schlomo, Hannah, Irene, etc.) enfim, da comunidade judaica do Bom Retiro, e na verdade, de todas as pessoas que conheceu até então, pois, seu destino é o exílio.

O que nos traz de volta para as pessoas “ausentes” nas famílias representadas no filme. A maior parte das personagens são imigrantes ou descendentes de imigrantes. Mas poderíamos dizer – e isto reforçaria nossa hipótese – que são exilados ou descendentes de exilados. Podemos encontrar elementos para corroborar esta interpretação na história europeia no início do século XX até o segundo Pós-Guerra.

Além do caso do isolamento de Schlomo em relação à sua família que também faz eco em relação a nossa hipótese.

Deste modo, a “intromissão” da política na esfera privada ganha contornos mais amplos na estrutura narrativa do filme. A ausência de alguns elementos das diversas famílias presentes em *O ano em que meus pais saíram de férias* ao mesmo tempo em que reforça a sensação de perda de Mauro, é, em certa medida, decorrente do mesmo problema: do exílio devido aos “tempos sombrios” que se instalaram ao redor do mundo durante boa parte do século XX.

Se quisermos utilizar uma frase de Mauro para ilustrar nossa discussão não precisaríamos procurar muito. Estas palavras são repetidas à exaustão pelo garoto no decorrer da narrativa e embora trate do goleiro, funciona bem em nosso contexto: “*Ele passa a vida inteira ali, sozinho... esperando o pior*”.

## **Bibliografia**

ARENDDT, Hannah. *A Condição Humana*. Ed. Forense Universitária. Rio de Janeiro. 2005.

\_\_\_\_\_, *Entre o passado e o futuro*. Ed. Perspectiva. São Paulo. 1972.

\_\_\_\_\_, *Homens em Tempos Sombrios*. Companhia das Letras. São Paulo.